



SEM TÍTULO (EAPP), 2020. TÉCNICA MISTA.

DOI: <https://doi.org/10.33871/23580437.2021.8.2.050-057>

Keila Kern¹
Carina Weidle²

RESUMO: Este artigo trata das inquietações suscitadas pela pandemia dentro de nosso ambiente acadêmico e das discussões e proposições para trabalhar com os obstáculos trazidos por ela. Especialmente aborda a experiência EAPP - Escultura Encontrada e Pintura Pronta, primeira temporada do instaurado Campo Remoto. O EAPP desenvolveu-se em cinco episódios, e abrangeu aspectos da colagem, do *ready made* e do *object trouvé*, no período de 5 de agosto a 3 de setembro de 2020.

Palavras-chave: arte contemporânea; ensino remoto; colagem; object-trouvé; pandemia.

UNTITLED (EAPP), 2020. MIXED TECHNIQUE.

ABSTRACT: This article deals with the concerns raised by the pandemic within our academic environment, the discussions and proposals for working with the obstacles it brought. It especially addresses the experience EAPP- Found Sculpture and Ready Painting, the first season of the established *Campo Remoto*. The EAPP was developed in five episodes, and covered aspects of Collage, Readymade and Object trouvé, from August 5th to September 3rd, 2020.

Keywords: contemporary art; remote learning; collage; object-trouvé; pandemic.

SIN TÍTULO (EAPP), 2020. TÉCNICA MIXTA

RESUMEN: Este artículo trata sobre las preocupaciones que plantea la pandemia en nuestro entorno académico y las discusiones y propuestas para trabajar con los obstáculos que trae. Se trata

¹ Curitiba, Brasil, 1967, é professora de História, Teoria e Crítica da Arte Contemporânea da UNESPAR. Atua a partir da investigação da arte como sistema de processamento crítico explorando a produção discursiva da arte em situações de relação e circunstância. Seu interesse está voltado à crítica institucional como regime de observação da produção e da docência em arte na América Latina. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4054983336301852>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8477-5249>. keila.kern@unespar.edu.br

² Novo Hamburgo, 1966, vive e trabalha em Curitiba, Brasil. É artista plástica e professora de arte na Universidade Estadual do Paraná. Tem mestrado em artes pela Universidade de Londres, Goldsmiths' College e doutorado pela Universidade de São Paulo. Sua pesquisa situa-se na área de expressão tridimensional, e nos últimos anos tem se dedicado particularmente à cerâmica. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6548636842227816>. ORCID: 0000-0003-1328-296X. contato: carina.mw@gmail.com

especialmente de la experiencia EEP- Escultura encontrada y Pintura lista, la primera temporada del establecido *Campo Remoto*. La EEP se desarrolló en cinco episodios y cubrió aspectos de Collage, Ready made y Objet trouvé, del 5 de agosto al 3 de septiembre de 2020.

Palabras clave: arte contemporâneo; aprendizaje remoto; collage; object-trouvé; pandemia.

*Nós somos a instituição da arte: o objeto de nossas críticas, de nossos ataques, está sempre também dentro de nós.*³

16 de março de 2020, uma segunda-feira para parar tudo, recolhermo-nos todos em nossas casas para que o vírus SARS-CoV-2 não se espalhasse tanto e não causasse tantas mortes como nos quadros que já tínhamos notícias pelo mundo. Não havia nada outro a se fazer, era recolher e esperar. As aulas seriam possíveis por condução remota, via internet, por plataformas experimentais ou desconhecidas até ali, para o grupo de professores do colegiado do bacharelado em Artes Visuais da Belas Artes de Curitiba, Universidade Estadual do Paraná.

Nesta segunda semana de março, início ano letivo de 2020, alguns professores já tinham tido um ou dois encontros com suas turmas e conseguiram “montar um esquema” para “juntar” esses estudantes nos mesmos horários que as aulas presenciais em reuniões online via Zoom, Jitsi ou Moodle, mais ou menos da mesma forma que começamos a encontrar os parentes, especialmente em aniversários. Havia a sensação de que isto seria passageiro e de que isto daria certo, assim, para todos. Até ali. Outros professores, por conta das aulas inaugurais e debates para eleição de nova direção, não haviam ainda tido encontros com as turmas e tiveram muita dificuldade em concatenar todos os estudantes, principalmente nos primeiros anos com as turmas ainda sem representantes.

Assim foram as duas ou três primeiras semanas de pandemia: notícias de bom funcionamento do sistema, notícias contrárias, notícias de turmas que estavam mingando, alunos sem aparelhos ou sem internet, professores experimentando plataformas online e as piores notícias no mundo: os elevadores, máscaras e álcool, os supermercados, o ministro da saúde, a falta de ar geral.

Fomos marcando reuniões de colegiado e ali podíamos traçar cenários e discutir os movimentos. Parecia que a pandemia se prolongaria, não seriam apenas dois meses e muitos estudantes já não estavam mais comparecendo e alguns sequer respondiam os e-mails. Numa dessas reuniões uma proposta, lampejo da professora Keila Kern, apareceu. Fruto da percepção de que, afinal, estamos tratando de artes visuais e reelaboramos recentemente nosso curso (2019) onde nos colocamos a serviço dos conceitos contemporâneos da produção artística crítica, consciente, colaborativa e socialmente comprometida, podíamos, por conta disso, pensar em um outro sistema de relação dos docentes com os estudantes que observasse e até explorasse as condições desestabilizantes a que estávamos submetidos. Que respostas a Arte poderia conduzir diante das demandas especialíssimas do momento? Como mobilizar essas forças?

Primeiro, naquela reunião, de forma um tanto desesperada, refletimos sobre a impressão de que, como estávamos - alguns professores satisfeitos com suas disciplinas e suas turmas e outros, a maioria, perdendo contato com os estudantes - a coisa não ia bem e não podia ficar. Parecia evidente que a demanda de participar de todas as disciplinas curriculares por plataformas variadas, incluindo

³ Fraser, Andrea. O que é crítica institucional? In: *Concinnitas*, ano 15, volume 02, número 25, dezembro de 2014.

WhatsApp, sobrecarregava os estudantes, que escolhiam, ou precisaram escolher, apenas algumas disciplinas para estarem presentes.

A professora Keila, neste momento, sugeriu que pensássemos em algo diferente. Mas o que? Ah não sei! Algo como, algo como um Festival Universitário em que as coisas acontecem simultaneamente em diversas salas e você entra onde te parecer mais interessante... ou, talvez, pensar em algo que todos pudessem fazer em suas próprias casas - as partes de um foguete, por exemplo - e que quando voltássemos a nos encontrar, então celebraríamos com uma grande exposição de resultados. Foram as primeiras invenções. Um destes projetos pareceu uma boa ideia à professora Carina Weidle que criou já o nome para a proposta: *Foguet@*. A construção remota de um foguete mas sem um projeto matriz, algo como um “contágio”, algo de “experimentação telepática”, onde as partes construídas por cada um, professores e estudantes, estariam na exposição quando tentaríamos erguer este foguete que, já sabíamos, seria tarefa impossível. Esta ideia empolgante de saída, foi nos parecendo cada vez mais complicada. O conceito histórico de foguete e os usos mais comuns de tal artefato nos pareceu bloqueadora de uma construção minimamente positiva num momento tão dramático. Vimos que tal projeção não caberia nesta hora e isto ficou mais claro nas primeiras associações de foguete com ejeções, lançamento de bombas, com ataques e com conquistas.

Partimos para outra ideia, desta vez de mais projeção por lado da participação e, portanto, com maior poder de integração: uma plataforma onde borrariamos os limites dados por turmas, anos, disciplinas e conteúdos. Um lugar de um bom encontro de todos com todos e todos pensando juntos em repertórios múltiplos do mundo da arte. Uma ação que nos tirasse das muitas horas de tela, aos professores e aos alunos, e que nos colocasse em vivo contato e prontidão caso algo, como a doença, acontecesse a alguns de nós. A ideia tomou forma e já um nome, novamente pela professora Carina: *Campo Remoto*.

Precisamos localizar que nosso campus vivia (como vive ainda) uma tremenda instabilidade imobiliária. Nossas aulas existem em prédios alugados pelo Estado e inadequados para o ensino universitário de artes visuais. Isso estava muito mais claro como pauta nos dias que antecederam o *lockdown*. Daí que, pensado pela artista Carina Weidle desde sua pesquisa de tese, à ideia de campus, somou-se a ideia de desastre e de terremoto, tornando-se logo depois só remoto, condição inescapável a partir dali. Ficou assim: *Campo Remoto/Campus Remotus*. Na imagem a seguir, um desenho de Carina Weidle, esta associação de ideias fica clara. A comunicação remota através das distribuições elétricas. Um lugar para chamar de nosso, afinal.

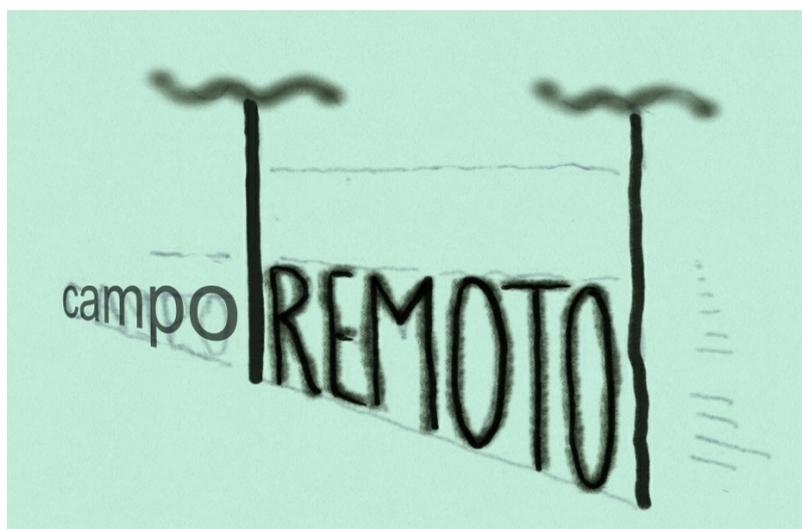


Fig.1: Carina Weidle. Estudo de nome para as atividades do Ensino Remoto Emergencial em 2020.

Campus Remotus além de um comentário sobre nossas (des) instalações físicas, foi também relativo à situação administrativa em que estamos situados dentro do Campus Curitiba I - historicamente Escola de Música e Belas Artes do Paraná, dividido em duas áreas, Artes e Música, encontra deficiente representação acadêmica na área de Artes, pois conta com um considerável menor número de professores. O termo *Campus Remotus* carregava então este descontentamento e a intenção de migração desta área de Artes para outro Campus dentro da Unespar.

Depois de dois anos de construção de um novo e audacioso curso de artes visuais, identificado com a pesquisa sobre a produção e o pensamento de arte na América Latina, um curso onde a disciplina de história da arte começa não pela pré-história ou pelo renascimento, mas pela arte contemporânea para depois avançar rumo ao passado e, entre outros, um curso de artes visuais voltado não somente para a produção mas também para os sistemas de recepção e distribuição da arte com disciplinas específicas sobre o circuito artístico, por exemplo, vimo-nos articulados como um corpo docente ativo e integrado. Tínhamos, portanto, condições de ousarmos mais uma vez e nos entregarmos a um projeto que cobraria de cada um de nós participação ativa e criativa em prol de todos ou daqueles que restassem interessados.

Foram muitas reuniões entre maio e julho de 2020 para que, desde a identidade visual até a programação completa, sistema de avaliação e de validação acadêmica ficassem completamente formatadas em todas as instâncias. Fomos muito desafiados e vimos desenvolver coletivamente um projeto que nos trouxe suficiente contentamento e propiciou aos estudantes uma forma de participação preta de possibilidades e, principalmente, não exaustiva. *Campo Remoto/Campus Remotus*: um encontro síncrono de três horas nas terças à tarde e/ou na quarta à noite. Reuniões de colegiado todas as quintas-feiras (a fim de atualizar a programação e trocar informações) e para as sextas, criamos duas atividades não obrigatórias: o *Atelier Remoto* que consistiu em visitas ao atelier de artistas convidados, atividade com duração de cerca de 1 hora e meia e, para a noite, criamos o *Campis Remotis*: um encontro sem roteiro e com microfones abertos. O *Atelier Remoto* poderia ser visto assincronamente, o *Campis Remotis*, por sua característica de improviso e liberdade, não era para ser gravado e sim mais para ser experimentado. Para todos os eventos, menos às reuniões das quais participavam somente representantes das turmas, todo o corpo docente e discente estava - docemente - convocado. Aos estudantes exigiu-se 75% de presença nos encontros de terças ou quartas.

Para os conteúdos artísticos curriculares, definimos que seminários ou jornadas acercariam um tema comum a um determinado grupo de professores, com convidados ou não, conforme o que surgisse para a discussão daquele conteúdo. Como estes encontros eram semanais, assemelhando-se ao formato de séries, destas de tv, a cada grupo de encontros foi dado o nome de “temporada” e a cada encontro “episódio”. Combinamos distribuir as 19 semanas restantes de 2020 em 4 temporadas.

A primeira temporada iniciou dia 5 de agosto de 2020 teve 5 episódios idealizados por nós, as professoras Carina Weidle, Fátima Junqueira e Keila Kern. Nominamos nossa temporada de EEPP, abreviação de Escultura Encontrada e Pintura Pronta, pensada como reflexo dos possíveis, diante do confinamento geral de corpos docentes e discentes. O assunto, surgido ainda antes do projeto do Campo Remoto, no período em que estávamos com disciplinas no modo remoto, em que a professora Carina, da área de escultura e a professora Fátima, da pintura, começavam a conversar sobre a dificuldade de desenvolver os conteúdos das ementas das disciplinas sem o uso de laboratórios. As disciplinas de Escultura e Pintura eram eminentemente práticas e buscando formas de lidar com o enorme desafio de trabalhar de maneira remota estas disciplinas e aqueles conteúdos como pensados anteriormente. Carina e Fátima decidiram reavaliar os conteúdos e, modificando-os, fazer dar atenção àquilo que todos podiam ter à mão, e falariam, assim, de colagem como forma de transformação destes materiais além, é claro, de *ready made* e de *objet trouvé*, perfeitos para a ocasião. Neste momento, a Keila, professora da área de teoria e história da arte, juntou-se ao grupo.

EEPP

A Temporada EEPP⁴ deu início a tudo, inaugurando as apresentações no Campo Remoto - *Campus Remotus*, e teve um total de cinco episódios que aconteceram entre 5 de agosto e 3 de setembro de 2020. Depois do muito anunciado retorno ao ERE - ensino remoto emergencial - e de dois encontros teste com toda a população de estudantes matriculados nos quatro anos dos cursos de bacharelado em Artes Visuais, e nos cursos em extinção de Gravura, Pintura e Escultura, divididos apenas por turnos - tarde e noite - cerca de 80 pessoas estiveram presentes ao encontro na tarde de terça e o mesmo número na noite de quarta, que carinhosamente apelidamos: *bis*.

Foram três horas em que nos revezamos duas vezes para abordar os princípios, teóricos e históricos iniciais da colagem⁵. Apresentamos trabalhos de Rosana Paulino, Ellen Gallagher, Bruce Conner, Martha Rosler, Neide Sá, Johannes Bader, Jorge Macchi, João Osório Brezezinski, Jessica Stockholder, Laurie Anderson, Kim Rugg, Thomas Hirschhorn e Kurt Schwitters, conceituando uma colagem "com cicatriz", fazendo-nos observar as marcas da colagem para, a partir disso, apresentarmos as discussões vanguardistas do início do século XX, dos movimentos artístico do dada e do cubismo, quando da colagem com conteúdos textuais de jornais. Vimos desde a insinuação mallarmeana proposta por Picasso em *Bouteille, journal et verre sur une table* (1912), onde em um fragmento retangular de jornal podemos ler a manchete em francês: *un coup de the*, bem como uma lista de países em conflito: Bulgária, Sérvia e Montenegro⁶, até a atitude política por meio simples em *Plasto-Dio-Dada-Drama* de Johannes Baader (1920)⁷. Abordamos também trabalhos de Laurie Anderson que trama um jornal estadunidense a um chinês em *New York Times, Horizontal/China Times, Vertical* (1976) e de Marcel Broodthaers, *Le Problème noir en Belgique*, (1964) com fragmentos de um discurso sobre a independência do Congo, por seu primeiro ministro.

Enquanto nos articulamos entre as imagens e os assuntos, no chat apareciam algumas questões que sugeriam desde respostas burocráticas, objetivas, atendidas pelo corpo docente do colegiado, até chistes e gracinhas que suscitavam kkkkks e emojis da "platéia". Ao final deste primeiro encontro vespertino discutimos quase nada mas, em sua edição *bis*, no dia seguinte, o debate seguiu longe e foi sobre os diversos conceitos atribuídos por nós, professores de várias áreas, ao termo "vanguarda". Divergências e debate que animou os presentes.

Ainda dentro da chave das temporadas, depois deste primeiro episódio, surgiu a ideia de incorporarmos um resumo da apresentação da semana anterior, que, é claro, foi chamado de "previously". Para este primeiro *previously* convidamos a coordenadora do curso, professora Deborah Alice Bruel que ao fazer lembrar o capítulo anterior acrescentou, nos minutos iniciais do segundo episódio, novos elementos como a alegoria no trabalho de Thomas Demand e de Liliana Porter. Esta participação tornou-se método e vários convidados entre professores e estudantes realizaram, com diferentes tons e abordagens, esta tarefa nas 18 semanas seguintes. Aos estudantes toda participação (excluindo *Campis Remotis*) foi certificada.

Neste segundo episódio avançamos na ideia de colagem iniciando pela pintura metafísica e uma "contra colagem", coisas que mesmo próximas não se juntam mas, ao contrário, fazem ver o intervalo.

⁴ Nos encantam as siglas.

⁵ Martins, Luiz Renato. Colagem: investigações em torno de uma técnica moderna. ARS (São Paulo), São Paulo, v. 5, n. 10, p. 50-61, 2007.

⁶ Cottington, David. Colagem: What the Papers Say: Politics and Ideology in Picasso's Collages of 1912 Art Journal, vol. 47, no. 4, pp. 350-359, 1988.

⁷ Hoins, Katharina. "Johannes Baader's Postwar Plasto-Dio-Dada-Drama and German War Exhibitions during World War I", *Dada/Surrealism* 21(1), p.1-16, 2017.

Lemos trechos do *Manifesto Surrealista* (1924) de André Breton confirmando que não seria o medo da loucura que nos obrigaria a "hastear a meio-pau a bandeira da imaginação" e contra o ritmo 24/7 lembramos que "todo o dia, à hora de dormir, Saint-Roux mandava colocar à porta de seu solar um cartaz onde se lia: o poeta trabalha"⁸. E mais a mesa de dissecação do Conde de Lautréamont, o *cadavre exquis*, a escrita automática e o *objet trouvé*. Terminamos o encontro apresentando a revista *Minotauro* (1933) e abordando a exposição *Mal-entendidos* da artista mineira Rivane Neuenschwander ocorrida no Museu de Arte Moderna de São Paulo em 2014.

Neste episódio toda a rede de segurança que havíamos elaborado se mostrou eficaz. Neste momento, um familiar próximo da professora Carina faleceu em provável decorrência da covid. Esta foi a primeira vez que os eventos pelos quais passávamos traziam sua dureza para o Campo Remoto e, de alguma forma, comungamos as tristezas e os pesares - ao vivo e na lata. Cobrimos a ausência da Carina e a partir daí reestruturamos a apresentação do terceiro episódio do EEPP articulando um convite à colaboração do professor Fabrício Nunes. Percebemos ser necessária uma alternância maior de professores à frente do "palco" estendendo as participações dos colegas para elaborações que envolvessem ainda mais participantes. Além da Isadora Mattioli, Ricardo Ayres e Fabricio Nunes, no *previously*.

No terceiro episódio Carina e Fabricio se alternaram em conceitos do surrealismo de Georges Bataille. Carina abordou o Acéfalo de Bataille, e as ideias de não-hierarquia, de corrosão da racionalidade e da horizontalidade homem-animal. Trouxe em seguida outros conceitos de Bataille como o informe e a entropia, que foram tratados na exposição de Yve-Alain Bois e Rosalind Krauss, *Le Informe* (1999)⁹, através da materialidade explícita dos trabalhos de Jean Dubuffet, Lucio Fontana, Alberto Burri, Giacometti, Claes Oldenburg, Eva Hesse, Jackson Pollock, Robert Smithson e Cindy Sherman.

Carina falou das idéias de Bataille sobre o informe e entropia na exposição *Le Informe*, através da materialidade explícita dos trabalhos de Jean Dubuffet, Lucio Fontana, Alberto Burri, Giacometti, Claes Oldenburg, Eva Hesse, Pollock, Robert Smithson e Cindy Sherman. Fabrício trouxe as ilustrações de Hans Bellmer para *A História do Olho* (1946) de Bataille, discutindo o erotismo através de procedimentos de desmontagem/remontagem do corpo humano, daí partindo para a noção de colagem empregada em ilustrações de autoria desconhecida para o livro do escritor mexicano Emiliano Gonzalez, *Los sueños de la bella durmiente* (1978) e outras ilustrações feitas em colagem por Vicente Rojo e Alejandra Acosta para a novela *Aura* (1962) de Carlos Fuentes.

Para o quarto episódio criamos o "Marcel Monstro". Interessados em conhecer e reunir as leituras e opiniões de nosso corpo docente sobre o legado do artista Marcel Duchamp, dividimos em 9 partes o corpo de sua obra (suas pinturas, *Rotoreliefs*, readymades, *Caixas Mala*, parceria artística entre Duchamp e Man Ray, Marcel Duchamp e Nam June Paik e John Cage, os conflitos entre Duchamp e Elsa von Freytag Loringhoven, sobre o *Grande Vidro* e *Sendo Dados*), e distribuímos entre nove de nós (Fátima Junqueira, Antar Mikosz, Carina Weidle, Deborah Bruel, Debora Santiago, Everaldo Skrock, Isadora Mattioli, Jack Holmer e Keila Kern). Interessava-nos, tanto quanto trazer o artista francês, conhecê-lo e a ocasião era perfeita. Vimo-nos sob o ângulo dos estudantes que conhecem, melhor que nós mesmos, as diversas partes que formam um colegiado. A ordem das apresentações foi dada ao acaso, o que fez modificar a apresentação de terça para surgir em outra ordem, na quarta (*bis*). Foi assim, diante da necessidade, que desenvolvemos outro método de grande sucesso durante o *Campo Remoto*: o sorteio. Graças a programas online, com trilha sonora e compartilhamento de tela, ao vivo e a cores, que a sorte e o acaso vieram habitar entre nós. Por diversas vezes o recurso mostrou-se apropriado e os resultados acatados. Praticamente todos a quem

⁸ BRETON, André. *Manifestos do Surrealismo*. Rio de Janeiro: Ed. Nau, 2001.

⁹ Krauss, Rosalind. *Formless: A User's Guide*. New York, NY: Zone Books, 1997.

a roleta solicitou, incluindo o mais silencioso dos ouvintes, respondeu. O acaso virou coisa séria e seu chamado uma missão.

No quinto e último episódio a ideia foi passarmos da "colagem com cicatriz" para uma colagem "sem cicatriz" que foi apresentada por Carina, Keila e Fátima. Para este episódio escolhemos apresentar nossos pontos através da produção de artistas mulheres. Escolhemos as artistas brasileiras Adriana Tabalipa, Fernanda Gomes, Gabriele Gomes, Jac Lerner, Lygia Clark e Márcia X, e as estrangeiras Isa Gensken, Rachel Harrison e Susane Britz. A "colagem expandida"¹⁰ e o colecionismo foi assunto, apontado na delicadeza dos objetos dispostos no trabalho de Gabriele Gomes, no familiar e inusitado em Adriana Tabalipa, além de aspectos mais formais presentes no trabalho de Jac Leirner. Depois vimos como uma coleção pode nos oferecer também uma espécie de subjetividade cansada¹¹ nos trabalhos de Gensken, em especial nos dois manequins deitados no trabalho *Oil* (2007) na instalação do pavilhão da Alemanha na 52ª Bienal de Veneza cotejados com seu inverso setentista numa conhecida imagem do trabalho *Baba Antropofágica* (1973) de Lygia Clark onde uma pessoa deitada é coberta por fios que saem da boca de outras pessoas ao seu redor, ou ainda, em outra também conhecida imagem de uma pessoa deitada em *Estruturação do Self* (1978) de Clark¹². Nos trabalhos da artista brasileira a visão de regeneração pela arte, uma outra espécie de subjetividade.

Passamos finalmente para um encerramento hiper poético com um dos momentos mais bonitos de todo os encontros até ali: depois de apresentado o aspecto quase monocromático de duas exposições da artista carioca Fernanda Gomes¹³, todos nós passeamos juntos si-len-ci-o-samente pelos frágeis e potentes pedaços de madeira mal pintados de branco, pelas coleções de pequenas insignificâncias, de poemas em barbante, vidro e papéis de seda docemente manchados de Fernanda Gomes. É difícil relatar a potência de explosão sensível daquele passeio.

Esta temporada EEPP, foi para nós intensa e de muitas trocas. Concretizamos um desejo antigo de trabalharmos juntas e juntos. Como em uma corrida de revezamento, trabalhamos em grupo verdadeiramente. As apresentações na ausência física dos estudantes, causou no início um frio na barriga. Com o tempo fomos aprendendo e nos acostumando a esse formato, que trouxe não só a possibilidade de nos reunirmos, mas também diante da dificuldade, vemos um rastro de liberdade, uma organicidade nas soluções dos problemas, e a alegria de encontrar saídas inusitadas e polifônicas.

¹⁰ "A Colagem Expandida" foi o título da exposição criada pelo grupo Clube da Colagem de Curitiba (Bernadete Amorin, Bonju Coelho, Catenzaro, Cintia Ribas e Mario de Alencar) para a Bienal de Curitiba em 2017.

¹¹ Como apontado no texto *Subjetividade - A Nova Moeda*, de Isabelle Graw. In: Graw, Isabelle. *The Love of Painting. Genealogy of a Success Medium*. Berlin: Sternberg Press, 2018.

¹² Almeida, Eduardo Augusto Alves de. *Aspectos da Estruturação do Self de Lygia Clark: perspectivas críticas*. 2013. Dissertação Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

¹³ GOMES, Fernanda (Org.). *Arte Bra Fernanda Gomes*. Rio de Janeiro: Automática, 2015.



Fig.2: Carina Weidle. Estudo de nome para as atividades do Ensino Remoto Emergencial em 2020.

Referências:

- ALMEIDA, Eduardo Augusto Alves de. *Aspectos da Estruturação do Self de Lygia Clark: perspectivas críticas*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) - Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BRETON, André. *Manifestos do Surrealismo*. Rio de Janeiro: Ed. Nau, 2001.
- COTTINGTON, David. *What the Papers Say: Politics and Ideology in Picasso's Collages of 1912*. *Art Journal*, vol. 47, no. 4, pp. 350–359, 1988.
- FRASER, Andrea. *O que é crítica institucional?* In: *Concinnitas*, ano 15, volume 02, número 25, dezembro de 2014.
- GOMES, Fernanda (Org.). *Arte Bra Fernanda Gomes*. Rio de Janeiro: Automática, 2015.
- GRAU, Isabelle. *The Love of Painting. Genealogy of a Success Medium*. Berlin: Sternberg Press, 2018.
- HOPKINS, D. *Dada and Surrealism: a very short introduction*. New York: Oxford University Press, 2004
- HOINS, Katharina. *Johannes Baader's Postwar Plasto-Dio-Dada-Drama and German War Exhibitions during World War I*, *Dada/Surrealism* 21(1), p.1-16, 2017.
- KRAUSS, Rosalind E. *Formless: A User's Guide*. New York, NY: Zone Books, 1997.
- MARTINS, Luiz Renato. *Colagem: investigações em torno de uma técnica moderna*. *ARS* (São Paulo), São Paulo, v. 5, n. 10, p. 50-61, 2007.
- TABALIPA A. *The End of Factory Project*. catálogo. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2012.
- WHITFIELD, S. Lucio Fontana. *Catálogo*. London: Hayward Gallery, 1999